

A DIFERENÇA DE DELEUZE NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DOS PESQUISADORES DO LEPED

LA DIFERENCIA DE DELEUZE Y LA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN: EXPERIENCIAS DE LOS INVESTIGADORES DEL LEPED

THE DIFFERENCE OF DELEUZE IN EDUCATIONAL RESEARCH: EXPERIENCES OF LEPED RESEARCHERS

José Eduardo de Oliveira Evangelista LANUTI¹

Maria Isabel Sampaio Dias BAPTISTA²

Eliane de Souza RAMOS³

RESUMO: Pensar em uma escola para todos os alunos é o mote dos trabalhos realizados no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Neste artigo, por meio de um estudo bibliográfico, apresentaremos as contribuições de três teses de Doutorado para a construção de uma escola para todos. Esses estudos foram defendidos entre 2018 e 2019, nesse Laboratório. Os temas investigados foram: a formação em serviço de professores, ocorrida em um sistema virtual construído a partir do conceito de *design* participativo; o processo de alfabetização e letramento na Língua Portuguesa de alunos com surdez no ensino comum; e a formação de professores da Educação Básica para o ensino de Matemática, em uma perspectiva inclusiva. Concluímos que a diferença de Gilles Deleuze é o elo entre essas teses e a sua consideração, uma condição para que todos os alunos acessem, permaneçam, participem e aprendam na escola comum, segundo as suas possibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Diferença. Escola para todos. Formação de professores. Alfabetização e Letramento.

RESUMEN: *Pensar en una escuela para todos los alumnos es el reto de las investigaciones realizadas en el Laboratorio de Estudios e Investigaciones en Enseñanza y Diferencia (LEPED), de la Facultad de Educación (FE), de la UNICAMP. En este artículo, a través de un estudio bibliográfico, presentaremos las contribuciones de tres tesis de Doctorado para la construcción de una escuela para todos. Defendemos tales estudios entre 2018 y 2019, en este Laboratorio. Los temas investigados fueron: capacitación en servicio para docentes, que tuvo*

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas - MS - Brasil. Professor Adjunto e Presidente da Comissão Multidisciplinar Permanente de Acessibilidade. Pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED/UNICAMP). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6055-1494>. E-mail: dulanuti@gmail.com

² Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas - SP - Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED/UNICAMP). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1747-1557>. E-mail: belbaptista@gmail.com

³ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas - SP - Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED/UNICAMP). Assessora da Secretaria Municipal de Educação de Amparo/SP e docente no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8507-9103>. E-mail: souzaramos80@gmail.com

lugar en un sistema virtual construido a partir del concepto de diseño participativo; el proceso de alfabetización y de presentación de la cultura escrita en Lengua Portuguesa de los estudiantes con sordera en la educación regular, y la capacitación de profesores de Educación Básica para la enseñanza de las Matemáticas, en una perspectiva inclusiva. Concluimos que la diferencia de Gilles Deleuze es el vínculo entre estas tesis y su consideración, una condición para que todos los estudiantes accedan, permanezcan, participen y aprendan en la escuela común, de acuerdo con sus habilidades.

PALABRAS CLAVE: *Diferencia. Escuela para todos. Capacitación de profesores. Alfabetización y presentación de la cultura escrita.*

ABSTRACT: *Thinking about a school for all students is the motto of the work carried out at the Laboratory of Studies and Research in Teaching and Difference (LEPED) at the State University of Campinas (UNICAMP). In this article, through a bibliographic study, we will present the contributions of three Doctoral theses for the construction of a school for all. We defend such studies between 2018 and 2019, in this Laboratory. The topics investigated were: in-service training for teachers, which took place in a virtual system built from the concept of participatory design; the process of literacy and initial reading instruction in the Portuguese language of students with deafness in regular education, and the training of teachers of Basic Education for the teaching of Mathematics, in an inclusive perspective. We conclude that the difference of Gilles Deleuze is the link between these theses and its consideration, a condition for all students to access, remain, participate and learn in the common school, according to their abilities.*

KEYWORDS: *Difference. School for all. In-service training for teachers. Literacy and initial reading instruction in the Portuguese language.*

Introdução

O pensamento “estabelece” a diferença, mas a diferença é o monstro. Não deve causar espanto o fato de que a diferença pareça maldita, que ela seja a falta ou o pecado, a figura do Mal destinada à expiação. O único pecado é o de fazer que o fundo venha à tona e dissolva a forma (DELEUZE, 2006, p. 56).

Desde a sua fundação, em 1996, o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP), dedica-se à construção de trabalhos que buscam atender às exigências de um ensino para todos os alunos, nas escolas comuns. Em construções colaborativas e democráticas, pesquisadores deste Laboratório, professores das salas de aula comum, atuantes nos diferentes níveis de ensino, e professores da Educação Especial atualizam conceitos, teorias e práticas educacionais e pedagógicas, contribuindo para que ocorram inovações na escola comum e na universidade.

As atividades realizadas no LEPED são orientadas pela Profa. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan⁴. Aquelas que têm como temática a Educação Especial estão necessariamente baseadas na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI/MEC, 2008), e se assentam na diferença como apresentada pelo filósofo Gilles Deleuze (2006). Para esse autor, a diferença:

[...] é pura, porque formal; intrínseca, pois opera na essência. Ela é qualitativa; e, na medida em que o gênero designa a essência, a diferença é mesmo uma qualidade muito especial [...] (DELEUZE, 2006, p. 59).

Inspirados nos estudos de Gilles Deleuze, defendemos que cada aluno hospeda uma diferença que se renova constantemente em um processo dinâmico e efêmero, que não é controlado nem mesmo por ele. Tal diferença não corresponde a um atributo externo ou a certas particularidades dos alunos que são público-alvo da Educação Especial. Isso porque a diferença a qual nos referimos não pode ser categorizada, definida, e a partir dela não é possível criar “o aluno diferente”. A diferença é a expressão do próprio ser, de cada ser – unívoco. Para Deleuze (2006, p. 417):

A univocidade do ser e a diferença individuante têm um liame, fora da representação, tão profundo quanto o da diferença genérica e da diferença específica na representação do ponto de vista da analogia. A univocidade significa: o que é unívoco é o próprio ser e o que é equívoco é aquilo que ele se diz.

O entendimento de que a diferença é de cada pessoa, e não de algumas, nos leva a considerar cada aluno como múltiplo, singular, imprevisível, que difere de si mesmo e não de um “outro”. Para Deleuze (2006), a diferença extrapola qualquer forma de representação e exatamente por isso é tão difícil dizer como alguém aprende.

Quando à particularidade cegueira, por exemplo, é defendida como “a” característica que representa integralmente “o” aluno cego, nele é fixada uma identidade estável que, sendo mantida, produz o sujeito cego universal, imaginário. No LEPED não defendemos sujeitos universais porque os atributos fixos que consolidam as categorias que pretendem representá-los permitem que os alunos sejam comparados entre si e desconsiderados na sua própria diferença, o que produz exclusão na escola.

Os pesquisadores do Laboratório, enquanto trabalham em seus estudos e pesquisas, têm a oportunidade de viver uma aventura intelectual, humana, cidadã e profissional, marcada pelo risco, incerteza, imprevisto, e pela consideração da diferença de cada aluno, de cada

⁴ Fundadora e coordenadora do LEPED.

pessoa. Esses pesquisadores vivem o Acontecimento de Deleuze, sendo que para Ramos (2013, p. 50):

Acontecimento refere-se ao movimento pelo qual a singularidade é produzida. Para Deleuze, possibilidades de criação orbitam o nosso ser e, ao se depararem com virtuais/elementos que as intensificam, deslocam-se em movimentos produtores de outras/novas singularidades. Estes virtuais/elementos podem ser pessoas, objetos, movimentos, diferentes expressões de linguagem, encontros consigo mesmo, silêncios, vozes [...]

Neste artigo apresentamos os achados de três teses de Doutorado desenvolvidas no LEPED e defendidas entre 2018 e 2019. A primeira traz algumas contribuições de um sistema na *internet* para a formação continuada de professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE). A segunda versa sobre os processos de alfabetização e de letramento na Língua Portuguesa, construídos por alunos que têm surdez no ensino comum. A terceira estudou os sentidos de uma formação docente em serviço com professores que ensinam Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental, da qual o pesquisador era o formador.

Danças no TNR: movimentos de professores em formação continuada

A tese de Doutorado intitulada “Danças no TNR: movimentos de professores em formação continuada” (BAPTISTA, 2018) contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/PROESP n. 1285/2009).

A experiência de viver esta tese teve início quando a pesquisadora começou a participar do Projeto “Redes Sociais e Autonomia Profissional: novos rumos para formação continuada a distância de professores de AEE” (PROESP/CAPES), em 2009. Esse trabalho teve como objetivo a constituição de uma rede social de profissionais de AEE, tendo em vista a formação continuada e colaborativa desses profissionais.

A rede social criada denominou-se “Todos Nós em Rede”, ou TNR. Com o trabalho colaborativo entre Computação e Educação foi construído um sistema inédito no país. Especificamente nesta rede aconteceu a pesquisa de Doutorado a qual nos referimos.

A tese foi fortemente influenciada pela arte – música, poesia, prosa, imagens –, e teve como caminho metodológico a Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015). O problema delimitado na tese esteve ligado aos processos de formação profissional a distância, vivenciados pelos professores de AEE, na vigência da PNEEPEI (MEC, 2008).

O interesse apresentado pela autora foi conhecer que repercussões esses processos de formação geraram nas atitudes e nos comportamentos dos professores, e como isso reverberou

em suas atuações no inovador TNR. A diferença, tal como compreendida por Deleuze (2003), foi estudada nas reações únicas dos professores quando adentravam e participavam do sistema.

Dentre as questões formuladas, podemos destacar: I) O TNR ofereceria condições para que os professores ultrapassassem uma cultura escolar de baixa autonomia e dependência? II) Ele ofereceria condições para que os mesmos trocassem ideias, tomassem decisões para atender seus alunos, resolvessem problemas de forma colaborativa e, em consequência, aprimorassem a prática pedagógica? III) Os professores conseguiriam se apropriar desse espaço de formação continuada autônoma, conforme o TNR propunha?

Baptista (2018) se propôs a conhecer como, no TNR, os professores participantes se apropriaram do caráter autônomo de formação em AEE, oferecido pelo sistema, para compartilharem seus problemas e resolverem dúvidas a partir da sua própria diferença.

Como conclusão, a pesquisadora do LEPED observou-se que o sistema TNR ofereceu condições para que os professores trocassem ideias, tomassem decisões, resolvessem seus problemas de forma colaborativa e autônoma, uma vez que propôs o desenho participativo desde o início de suas atividades. Tal concepção participativa, que constituiu o grande diferencial dessa rede

[...] caracteriza-se pela participação ativa dos usuários finais do *software* ao longo de todo o ciclo de *design* e desenvolvimento. Mais do que serem usados como fontes de informação ou serem observados em sua rotina de trabalho, ou no uso do produto, os usuários finais trazem contribuições efetivas em todas as fases do ciclo de *design* e desenvolvimento, que refletem suas perspectivas e necessidades. A participação do usuário não é restrita aos estágios de testes de protótipos ou avaliação, mas acontece ao longo do processo de *design* e desenvolvimento (BARANAUSKAS; ROCHA, 2003, p. 125).

A referida pesquisa constatou que muitos professores relutaram em expor suas dúvidas com seus colegas, alegando questões de privacidade, compartilhamento e confiança. A pesquisadora constatou, contudo, que essa estrutura inovadora do TNR ainda não foi suficiente para garantir a participação plena e autônoma dos professores.

Múltiplas razões interpuseram-se entre o convite feito aos professores e a sua efetiva participação no TNR. Baptista (2018) verificou que essas razões provocaram múltiplas danças no sistema e estas tinham relação com a história profissional e pessoal de cada professor, ou seja, com a diferença que cada um trouxe para aquela experiência de formação colaborativa.

O ineditismo que fez parte da concepção da rede TNR, desde o início, preconizou o aprendizado de forma contínua; teve capilaridade, chegando a diferentes regiões do Brasil e

até ao exterior; não continha estrutura hierárquica e foi construído conjuntamente com as professoras no trabalho colaborativo. Isso propiciou uma experiência única na formação de professores de AEE na qual a diferença de cada participante foi desejada e, mais do que isso, determinante nos resultados do projeto em todo seu andamento.

O sistema TNR continua ativo e crescendo. A rede conta atualmente (2020) com o cadastro de mais de mil professores de todo país e propicia, aos participantes, condições para que troquem ideias, resolvam problemas cotidianos de sala de aula comum de forma colaborativa e autônoma.

Alfabetização e letramento de alunos com surdez no ensino comum

“Alfabetização e letramento de alunos com surdez no ensino comum” (RAMOS, 2018) é uma tese defendida em 2018 no LEPED⁵. A pesquisadora trabalha há 14 anos como assessora em uma rede municipal de educação no interior do estado de São Paulo. Desde o início dessa atividade, ela buscou atualizar concepções e possibilidades de orientar a construção de práticas pedagógicas e educacionais, realizadas em escolas comuns, para que se tornem mais acessíveis.

Em 2006, a equipe da Secretaria Municipal de Educação e a assessora/pesquisadora definiram pela primeira vez um cronograma mensal de encontros com professoras da sala de aula comum, que tinham alunos com surdez, e com a coordenadora do “Programa de Educação Inclusiva” deste município. Constituiu-se um grupo que, mais tarde, recebeu o nome de “grupo de estudos e práticas sobre o ensino de alunos com surdez”. Tal grupo, posteriormente, passou a contar com a participação das professoras que realizavam o AEE.

Ao denominá-los alunos “com” surdez, Ramos (2018) sabia que os identificava e recaia nos velhos e indesejáveis problemas da representação – que é sempre estática e a afastava da consideração da diferença de cada um deles. Enquanto estudava os escritos de Gilles Deleuze, a assessora/pesquisadora compreendia que a representação é o lugar da ilusão transcendental (DELEUZE, 2006). A lógica da representação a desviava dos caminhos educacionais que poderiam tornar os processos de alfabetização e de letramento na Língua Portuguesa mais acessíveis aos alunos com surdez. No entanto, a consideração da diferença que eles hospedavam a mantinha conectada aos movimentos criativos, inesperados e

⁵ Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), CAAE: 46705315.7.0000.5404

irrepetíveis produzidos por cada aluno, enquanto compreendiam e atribuíam sentidos aos sons que não podiam escutar.

A convicção de que alfabetizar e letrar são processos distintos que se inter-relacionam, associada à convicção de que um aluno com surdez dispõe da capacidade de se alfabetizar e letrar na Língua Portuguesa, e de que ele produz uma diferença que se renova constantemente, impulsionou a construção de um ensino inclusivo nesta Secretaria de Educação.

Nos exames audiológicos, o “grupo de estudos e práticas sobre o ensino de alunos com surdez” identificou elementos que auxiliaram no entendimento de como parecia funcionar o aparelho auditivo biológico de cada aluno com surdez. Interessava a esse grupo conhecer quais sons eram captados, compreendidos e significados por esses alunos, e quais sons não eram captados e, por isso, se tornavam inacessíveis. Nos encontros mensais, o grupo conectava os achados dos exames audiológicos ao comportamento auditivo manifestado cotidianamente por cada um dos casos atendidos na escola comum.

Na rede de ensino retratada por Ramos (2018), boa parte dos professores das salas comuns não sabia sinalizar na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Diante disso, as turmas comuns que têm alunos com surdez passaram a contar com o trabalho de uma professora de Libras. A função dessa professora é muito distinta daquela conhecida e realizada pelo tradutor e intérprete de Libras. Uma professora de Libras ensina essa língua a todos os alunos de uma turma comum que tem um aluno com surdez e à sua professora da sala.

O ensino e a convivência entre alunos e professores, ouvintes e com surdez, por acontecerem tanto na Língua Portuguesa como na Libras, constituíram uma concomitância. Para isso, a professora da sala comum e a professora de Libras planejaram juntas cada atividade que desenvolviam com a turma toda, a fim de que as particularidades das duas línguas fossem objeto de investigação, de pesquisa e de aprendizado para todos os alunos.

Com esse trabalho, Ramos (2018) constatou que essas professoras construíram efetivamente um bilinguismo, que se deu em um ensino sem adaptações curriculares aplicáveis apenas aos alunos com surdez e que buscou, a cada atividade, tornar os sons da escola mais acessíveis a todos os alunos. Nesse ensino, a Língua Portuguesa e a Libras tiveram as suas particularidades linguísticas e gramaticais preservadas.

Essa é uma construção inédita que a assessora e pesquisadora desta tese teve a oportunidade de criar e de praticar com as professoras da rede de ensino na qual trabalha, e de registrar, teorizando, em seu Doutorado.

Com a criação e a implementação da concomitância na escola comum, Ramos (2018) constatou que a audição não é o único meio que possibilita o acesso ao som. Para ela, a

capacidade humana de pensar sobre os eventos do mundo, de criar sentidos para eles, e de compartilhá-los, confrontando-os, criando equivalências, aproximações, distanciamentos, produzindo estranhamentos e pertencimentos entre todos, alunos e professores de uma turma comum, pode fazer com que uma pessoa com surdez compreenda e atribua sentidos aos sons que não escuta.

Na construção dessa concomitância, a professora regente e a de Libras, que atuam juntas em uma turma comum, constroem uma parceria com a professora do AEE, que age no sentido de identificar possíveis barreiras que estejam se colocando entre um aluno com surdez, as atividades escolares e extraescolares.

Certo aluno com surdez muito ensinou a cada membro do “grupo de estudos e práticas sobre o ensino de alunos com surdez” nesses 14 anos de trabalho. Ele adquiriu a Libras, compreendeu o que é a fala e a escrita na Língua Portuguesa e construiu uma consciência ímpar sobre as nuances dessas duas línguas. Ele “passeia” pela Libras e pela Língua Portuguesa e coloca em xeque aquela quase “verdade inquestionável” de que uma pessoa com surdez lê e escreve mal na Língua Portuguesa. Esse aluno com surdez aprendeu a Libras, se alfabetizou, letrou, e aprendeu a falar na Língua Portuguesa quando começou a ler e a escrever, no primeiro ano do Ensino Fundamental. A aquisição da fala aconteceu espontaneamente, sem que fosse um objetivo educacional ou pedagógico a ser alcançado pela escola comum.

No Doutorado de Ramos (2018), é possível conhecer a trajetória acadêmica dessa criança com surdez que extraiu das letras móveis os sons que elas produziam, como resultado de um trabalho intencional que pretendeu tornar os sons do ambiente escolar, o que inclui as palavras faladas na Língua Portuguesa, mais acessíveis. Essa criança foi acompanhada pelo “grupo de estudos e práticas sobre o ensino de alunos com surdez” da Educação Infantil até o quinto ano do Ensino Fundamental. Ela presenteou os envolvidos com seu desenvolvimento, suas aprendizagens e sua plena participação nas atividades em uma escola pública comum, bilíngue, acessível, portanto, inclusiva, e que oferece o AEE alinhado à perspectiva inclusiva de educação.

Essa tese de Doutorado registrou alguns dos sentidos de uma experiência de alfabetização e de letramento em turmas regulares que têm alunos ouvintes e com surdez. Nela, está comprovado que esse aluno com surdez tem como primeira língua tanto a Libras quanto a Língua Portuguesa – falada e escrita, pois isso depende do desafio cognitivo, de linguagem e social com o qual ele está interagindo em um dado momento.

O ensino de matemática - sentidos de uma experiência

A tese de Doutorado intitulada “O Ensino de Matemática - sentidos de uma experiência” (LANUTI, 2019), foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob processo nº 2016/00978-9. Nesta pesquisa⁶, foram estudadas as experiências de um formador de trinta e cinco professores que ensinavam Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Durante dois anos, os professores se reuniram semanalmente em uma escola da rede municipal de ensino e dialogavam sobre as suas estratégias pedagógicas. As discussões realizadas à luz da filosofia de Deleuze tinham como mote a problematização de práticas que não consideravam a diferença de cada estudante e que, por isso, excluía aqueles que não representavam uma cópia de um modelo de normalidade pré-definido para os alunos.

A ideia expressa na fala dos professores, em relação a um ensino para todos, estava relacionada diretamente à diferenciação/individualização do ensino a alguns alunos considerados incapazes de desenvolver as mesmas atividades que “os demais”. A partir dessa concepção, a saída encontrada pelo grupo docente, antes da formação proposta, foi a criação de um currículo adaptado, com atividades facilitadas àqueles alunos que não apresentavam o rendimento escolar desejado. Nessa ótica, a diferença de alguns alunos era reduzida a uma característica que fazia os professores construírem a imagem “do aluno diferente”.

Essa é uma visão restrita em relação à inclusão escolar, pois a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) afirma que toda forma de distinção, restrição ou exclusão a partir da deficiência constitui-se discriminação. Sendo assim, como pensar que atividades adaptadas/diferenciadas deveriam ser oferecidas para alguns estudantes?

Diante da equivocada saída encontrada pelo grupo para ensinar na perspectiva de uma educação inclusiva, os objetivos definidos para a tese foram: I): identificar as razões que levavam os professores a pensar que o ensino precisava ser diferenciado para alguns estudantes; e II): criar um entendimento sobre as contribuições que a formação docente em serviço proposta traria ao ensino para todos.

A partir dos encontros, o pesquisador do LEPED e formador constatou que as referências utilizadas pelos professores para o planejamento e desenvolvimento das suas aulas tinham a ver com a falsa ideia de que alguns alunos são diferentes. A partir daquele

⁶ Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), CAAE: 54026216.6.0000.5404

referencial, eles se dedicavam à definição dos “alunos especiais” com base nos resultados das avaliações, e no comportamento analisado a partir de um modelo preconcebido de estudante.

A filosofia deleuzeana levou os professores em formação a pensarem a escola a partir do enfrentamento das questões que a diferença impunha. Os professores passaram a questionar determinadas ações que desenvolviam: a categorização dos alunos, a busca por semelhanças entre eles a fim de agrupá-los nas salas, e a diferenciação de atividades para cada grupo. Com o estudo da diferença, os professores entenderam que aquelas eram ações mais relacionadas à integração do que à inclusão escolar. A adaptação curricular, embora possibilitasse aos alunos “estarem juntos”, não partia do princípio que sustenta uma escola de todos: o pleno desenvolvimento do aluno a partir da sua singularidade e não de metas instituídas pelos sistemas de ensino.

O principal conceito deleuzeano estudado nas formações foi o de *signo*. Para Deleuze (2003), na obra *Proust e os Signos*, o *signo* é um objeto (físico ou não) com o qual uma pessoa se encontra e tem seu pensamento instigado. Pode ser uma pessoa, uma fala, uma imagem, um ambiente qualquer. O *signo* é o acionador do pensamento e o que funciona como *signo* para uma pessoa pode não funcionar para outra, pois depende da diferença de cada um.

Para o autor:

Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos (DELEUZE, 2003, p. 4).

Quando os professores entenderam que cada pessoa aprende apenas o que corresponde ao *signo* que lhe afeta, modificaram as suas ações nas salas de aula comum. Passaram a organizar as suas aulas a partir do currículo de cada ano/série, mas perguntavam primeiramente aos alunos quais eram os seus temas de interesse. Atividades práticas como entrevistas, seminários, pesquisas, passeios e jogos substituíram aulas puramente expositivas.

A necessidade de ensinar a turma toda a partir da diferença de cada aluno levou o pesquisador e formador, em conexão com os docentes, a pensar em um currículo acessível para todos os alunos, indistintamente e que, portanto, não necessitava ser adaptado. Os professores em formação, então, passaram a oferecer diferentes recursos, materiais e espaços,

para que os alunos decidissem sobre o que utilizar nas aulas a partir do que lhes afetava, de modo que estudassem os mesmos conteúdos, sem diferenciações de qualquer tipo.

Lanutí (2019) constatou em sua pesquisa que, segundo alguns professores em formação, a aversão de muitos alunos à Matemática diminuiu. Os estudantes passaram a se interessar mais pelos conteúdos matemáticos quando eles eram estudados a partir de situações que se aproximavam da realidade que viviam. Em situações práticas de ensino, todos os alunos participavam do seu modo, a partir de suas possibilidades. Percebiam as suas próprias habilidades e as desenvolviam de acordo com a curiosidade que tinham.

Para o pesquisador, a contribuição da formação em serviço desenvolvida com o grupo de professores foi o entendimento, a partir do conceito de *signo* apresentado por Deleuze (2003), de que a inclusão escolar não se refere a algum grupo específico de estudantes, mas a todos os alunos. Os professores passaram a se dedicar mais a conhecer cada aluno do que conhecer concepções generalizadas em relação às deficiências. Perceberam que é possível ensinar Matemática à toda a turma, sem a necessidade de adaptações, diferenciações a alguns alunos, e estenderam esse entendimento às demais disciplinas do currículo.

A filosofia deleuzeana, de início, trouxe problemas aos professores, como alguns deles diziam, uma vez que o pesquisador do LEPED convidou o grupo a repensar determinadas concepções e ações enraizadas na escola. Pensar o ato educativo a partir da diferença e não da diversidade revelou-se um convite à estranheza, à falta de receitas para ensinar, à ausência de verdades absolutas, e esse modo de entender a realidade educacional exige que os alunos também participem do planejamento das aulas. Ao se deixarem contaminar pela incerteza que devém quando um professor lida com seus alunos, os professores tiveram a oportunidade de dar um novo sentido ao ensino e à aprendizagem, que passaram a ser concebidos como a emissão e recepção de signos, respectivamente.

Depois, o grupo passou a entender que individualizar o ensino se trata de um arranjo que não provoca as mudanças necessárias no campo educacional para que a diferença de cada aluno seja, de fato, considerada. Pensar no ensino e na aprendizagem a partir da ideia de *signo* e da diferença, tal qual Deleuze concebeu, faz com que a escola seja naturalmente um espaço que acolhe todos os alunos.

Considerações finais

O LEPED acolhe e oferece condições para que seus pesquisadores construam diferentes estudos e pesquisas. Existe algo basilar que os une e que dá consistência às suas

produções: o entendimento de que uma diferença pulsa e se atualiza no interior de cada pessoa.

As três teses compartilhadas neste artigo se tornaram possíveis porque seus pesquisadores são mestiços, transitivos, inquietos, e suficientemente autênticos na defesa de uma escola para todos, alicerçada na diferença de Deleuze.

Baptista (2018) identificou e analisou movimentos produzidos por professores participantes do sistema TNR. Um sistema que considera a diferença de cada um de seus membros enquanto atualizam suas concepções e práticas pedagógicas e educacionais. Nesse sistema, os professores tiveram a oportunidade de agir de maneira cooperativa, colaborativa e autônoma, e no compartilhamento de suas dúvidas e soluções voltadas à construção de uma escola para todos, seguiram atualizando a diferença que hospedavam.

Ramos (2018) compartilhou uma maneira inédita de trabalhar com a Língua Portuguesa e com a Libras em salas de aulas do ensino comum que têm alunos com surdez. A pesquisadora criou e praticou uma concomitância que resultou na produção de um bilinguismo para todos. Ela teorizou o percurso de formação acadêmica de um aluno com surdez que se tornou fluente na Libras, se alfabetizou e letrou na Língua Portuguesa e aprendeu a falar após ter se alfabetizado. A diferença, como alicerce do trabalho em escolas públicas comuns bilíngues e da tese produzida, deu consistência à defesa de que alguns sons foram compreendidos e significados pelo caso com surdez investigado.

Lanuti (2019) defendeu que é possível ensinar Matemática (e outras disciplinas) em turmas comuns, sem que seja necessário realizar quaisquer adaptações supostamente voltadas ao atendimento das necessidades de alguns alunos. A diferença de Deleuze foi defendida como fundamental no planejamento e na construção de um ensino que passou a considerar os interesses de cada aluno e suas possibilidades de aprender.

A diferença de Deleuze como elo entre as três teses referidas neste artigo impulsionou cada pesquisador a romper com a adoção de pressupostos alicerçados na diversidade, produtora de exclusão na escola comum, resultando em construções teóricas e práticas inovadoras, inéditas e compatíveis com a defesa de uma escola para todos.

AGRADECIMENTOS: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/PROESP) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, M. I. S. **Danças no TNR: movimentos de professores em formação continuada.** Orientadora: Prof. Dr. Maria Teresa Eglér Mantoan. 2018. 277 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2018.
- BARANAUSKAS, M. C B.; ROCHA, H. V. Perspectivas das interfaces humano-computador: o advento de uma nova computação. *In: Design e avaliação de interfaces humano computador.* 1. ed. Rocha, H. V. da; Baranauskas, M. C. (Orgs.). Instituto de Computação; Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2003. p. 214-240.
- BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015.** Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 23 maio 2019.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** 07 jan. 2008. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 23 maio 2019.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.** 2. ed. Rev. Trad. Grupo de pesquisa narrativa e educação de professores ILEEL/UFU. Uberlândia: UDUFU, 2015.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição.** Trad. Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. 2 ed. São Paulo: Graal, 2006.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos.** 2. ed. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- LANUTI, J. E. O. E. **O ensino de Matemática: sentidos de uma experiência.** Orientadora: Prof. Dr. Maria Teresa Eglér Mantoan. 2019. 127 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2019.
- RAMOS, E. S. **A diferença e as rasuras de um ensino inclusivo: aproximações e distanciamentos entre o atendimento educacional especializado realizado com alunos surdos, e o acontecimento de Deleuze.** Orientadora: Prof. Dr. Maria Teresa Eglér Mantoan. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2013.
- RAMOS, E. S. **Alfabetização e letramento de alunos com surdez no ensino comum.** Orientadora: Prof. Dr. Maria Teresa Eglér Mantoan. 2018. 288 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2018.

Como referenciar este artigo

LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista; BAPTISTA, Maria Isabel Sampaio Dias; RAMOS, Eliane de Souza. A diferença de Deleuze na pesquisa em educação – experiências dos pesquisadores do LEPED. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3, p. 1167-1180, jul./set. 2020. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15i3.12627>

Submetido em: 04/06/2019

Revisões requeridas em: 20/09/2019

Aprovado em: 30/11/2019

Publicado em: 20/02/2020